

O DISCURSO DE SALAZAR DE 1929

Há uns dias, pude ler na capa de certo jornal uma afirmação atribuída a Miguel Cadilhe, a cuja luz o tempo que passa lhe trazia ao pensamento o discurso de Salazar em 1929. Referia-se Cadilhe ao discurso do antigo Presidente do Conselho na Sala do Conselho de Estado, em 21 de Outubro desse ano. Tal discurso foi o modo que Salazar encontrou para agradecer a manifestação pública de apoio que lhe foi feita pelos Municípios Portugueses, que ali falaram pela voz do Ministro da Justiça, Lopes da Fonseca.

O discurso veio a ter o título, **POLÍTICA DE VERDADE, POLÍTICA DE SACRIFÍCIO, POLÍTICA NACIONAL**. E, quando hoje se lê o mesmo, desde que se goze de liberdade plena de pensamento, percebe-se a correcção do seu conteúdo, sobretudo, pela hecatombe funcional e política a que Portugal chegara três anos antes.

Mas ninguém que seja intelectualmente honesto poderá atribuir aos últimos políticos da I República a responsabilidade pelo caos a que se havia chegado. Tal responsabilidade devia-se, acima de tudo, à má estrutura da Constituição de 1911, mas também às naturais reacções dos políticos republicanos face a atitudes graves que vinham já dos tempos monárquicos, e, claro está, ao modo português de estar na vida.

Simplesmente, e certamente por acaso, Miguel Cadilhe não comparou o modo como Gomes da Costa convidava as personalidades que entendia para o exercício de cargos públicos com aquela saraivada dos mandatos de captura em branco do tempo do COPCON. Cadilhe já não conseguiu atingir esta realidade simples: existem constantes culturais inercialmente fortes, e que se podem ler, por exemplo, pelas recentes palavras de Adriano Moreira: Portugal precisou sempre de ajuda.

Mas há um dado mais importante, que também Miguel Cadilhe não referiu, e que pode até desconhecer. E esse dado é este: Salazar soube sempre que o regime da Constituição de 1933 não lhe subsistiria. Mesmo tendo criado a União Nacional, no seu seio a luta era de morte, sempre em torno de ambições pessoais, e onde tudo estava primeiro que Portugal. O que Cadilhe não disse é que Salazar constituiu, indubitavelmente, uma singularidade histórica portuguesa, com período de retorno, até há pouco, da ordem dos duzentos anos.

Miguel Cadilhe esqueceu, por exemplo, a histórica manifestação do Largo Trindade Coelho, em Lisboa, onde os ambiciosos Meninos de Marcelo o tentaram atirar para a Presidência da República, o que, a ter tido lugar, teria gerado, ao tempo, o que depois se veio a ver. A grande diferença, para lá da envolvente internacional, entre as I, II e III Repúblicas está em Salazar, mas não na generalidade dos detentores de soberania, ou nos que detinham uma qualquer parcela de poder.

Quem tiver acompanhado a série televisiva, Ballets Rose, com guião de Francisco Moita Flores, terá por aí percebido diversas realidades de há muito conhecidas: houve julgamentos e condenações; houve um juiz conselheiro que instou, sem êxito, o inspector da Polícia Judiciária a tentar abafar o caso; e a PIDE, afinal, nem sequer conseguiu impedir que o Direito fosse aplicado...

Tenho, pois, de rir com gosto ao assistir hoje ao triste espectáculo de ver os que logo se deram por democratas em Abril de 1974, surgirem agora a recordar intervenções de Salazar, a quem de tudo apelidaram. Por naturalíssima conveniência. E logo recordei aquela inenarrável intervenção de Henrique Medina Carreira num falecido Plano Inclinado, perante a estupefacção de Mário Cresso e de Henrique Neto, a mostrar um gráfico por onde se via que, afinal, a vida financeira do País só havia funcionado bem no tempo de... Salazar. E foi até caso para que eu tenha exclamado: Ah, grande Henrique! És o maior!

Aquele discurso de Salazar tinha uma lógica intrínseca e objectiva, mas, entre outras razões, por vir de quem, com o que tinha e com os seus compatriotas, recusou a subserviência à Sociedade das Nações, ao contrário de hoje, em que o Primeiro-Ministro, Pedro Passos Coelho, procura mostrar a quem manda em nós que faz ainda mais do que o que já nos havia sido exigido a partir de fora. É uma diferença que se constitui num abismo maior que o Grande Cannon.

Por fim, também faltou a Miguel Cadilhe reconhecer que os que hoje procederam como fez Salazar naquele tempo já muito antigo foram dos dirigentes políticos do PCP e do Bloco de Esquerda, que se recusaram a negociar em condições lamentáveis. E, diga-se em abono da verdade, José Sócrates tudo fez para por aí não ir, mas o PSD, o CDS/PP e o silêncio presidencial, acabaram por impor-lhe o doloroso caminho sem saída que hoje se pode já ver às claras.

Quando se pretende falar de Salazar e da sua acção política é preciso conhecê-la bem e dominar a História Constitucional Portuguesa. E também não viver com os complexos que tolhem o poder de análise. Não ir por aqui, constitui meio caminho andado no sentido da asneira.